

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

FABIANE DE OLIVEIRA CANUTO

AUTORIDADE: Democrática/Autoritária

Rio de janeiro

2010

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

FABIANE DE OLIVEIRA CANUTO

AUTORIDADE: Democrática/Autoritária

Pró-Saber

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Normal Superior, com habilitação em magistério da Educação Infantil.

ORIENTADOR(A): Prof. Clara Araújo

**Rio
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA

Pró-Saber

C1696p Canuto, Fabiane de Oliveira

Autoridade: democrática/autoritária / Fabiane de
Oliveira Canuto. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2010. –
f: il.

Orientador: Profa. Esp. Clara Araujo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2010.

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil.
I.Título. II. Orientador. III. ISEPS

CDD 372

FABIANE DE OLIVEIRA CANUTO

AUTORIDADE: Democrática/Autoritária

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Normal Superior, com habilitação em magistério da Educação Infantil.

Defendido em ____ de ____ de 2010

Resultado _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Clara Araújo (ISEPS)

Professora Doutora Cristina Laclette Porto (ISEPS)

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa, sendo vedado qualquer tipo de utilização comercial sem a prévia autorização do autor.

Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010

Fabiane de Oliveira Canuto

DEDICATÓRIA

Pró-Saber

Dedico esse trabalho ao PAI que esteve comigo em todos os momentos e aos meus filhos que são hoje a razão do meu esforço e querer mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares que fazem parte da minha historia,

Aos meus amigos,

E aos professores que foram pacientes comigo e me ajudaram a cumprir meu objetivo.

Pró-Saber

RESUMO:

O projeto tem como objetivo fazer uma reflexão sobre como agir em sala de aula, demonstrando os modelos de autoridade e sua importância para a construção da identidade das crianças. Ele traz uma visão de como é difícil mudar a metodologia de ensino e como é importante a construção de uma democracia na sala de aula, para termos novos pensamentos, nova sociedade. Traz reflexões sobre o quanto somos modelo e nem percebemos a influência que temos no desenvolvimento das crianças.

Pró-Saber

PALAVRAS-CHAVE: autoritarismo-modelo-criança

Pró-Saber

“Longe de ser um mal que cause vergonha aos adultos, a autoridade é uma garantia da estabilidade do mundo que os cerca, já que essa mantém um ambiente que tranqüiliza a criança (ou adolescente) e garante o objetivo da ação pedagógica”.

Furter (1979:172)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO

2.1 Concepção autoritária

2.2 Concepção espontaneísta

2.3 Concepção democrática

2.4 Pesquisa de campo

3. CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Pró-Saber

INTRODUÇÃO

Meu caminhar na creche durante oito anos fez com que, ao chegar aqui no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), repensasse o meu modo de agir, de pensar, de observar e até mesmo de falar. No meu trabalho, alguns comportamentos me incomodavam. Questionava-me muito também sobre as minhas atitudes. Antes de entrar na creche, apesar de ter feito segundo grau no magistério, minha experiência com criança foi a de ser babá e, depois, com meus filhos com quem, dizem, sou muito exigente.

O estudo que fiz aqui no ISEPS me levou a ver que tudo pode ser diferente, que nossa maneira de trabalhar quem faz é a gente. E, a partir desta constatação, aos poucos, vou construindo minha nova maneira de ensinar, com um olhar que dá à criança o direito de se colocar mediante as situações apresentadas.

A partir daí vi que existem dois modelos de educar: o autoritário e o democrático. Para me aprofundar mais na teoria, utilizarei como base os autores Madalena e Paulo Freire.

O trabalho foi desenvolvido em três capítulos: o primeiro fala sobre autoritarismo, o segundo sobre espontaneísmo e o terceiro trata da possibilidade de mudar para uma visão democrática. Traz ainda, uma breve entrevista com educadoras da creche Santa Mônica, situada no Borel, na Tijuca; onde trabalho há oito anos, e com uma professora da área de ensino infantil.

2

CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO

O relacionamento do adulto com a criança se dá desde sempre, pois passa da daqueles que compõem a família para a diversidade dos que se encontram na escola, onde ela encontra um novo processo de valores e conhecimento. Imagino eu como deve ser difícil ter que escutar alguém, quando não se está habituado; prestar atenção no outro; expor opiniões. A criança que não tem o acompanhamento da família em casa tem total dependência da escola para o exercício da aprendizagem.

Na creche, quando as crianças aprontam, falamos para elas “vou falar para sua mãe que você fez isso”, criamos na cabecinha delas o mistério de que algo pode acontecer com elas em casa, em decorrência do que fizeram em outro lugar. Com isso, ligam o mistério ao poder, levando essa conclusão por toda a vida, é claro que de maneiras diferentes a cada situação.

Todavia, não queremos dizer com isso que o professor é um “vilão” e o aluno é o “santinho”, muito pelo contrário, ambos são vítimas do mesmo sistema autoritário. O sistema educacional é um prolongamento do sistema social e político de uma sociedade.

2.1 Concepção autoritária

O autoritarismo é um meio de exercer autoridade mostrando que só eu mando e você obedece. A pessoa autoritária não aceitará regras, pois já as ditará como se fossem verdades únicas, não aceitando que ninguém argumente a sua idéia.

O educador, muitas vezes, age como o dono da verdade não considerando a opinião do aluno. Na hora das atividades é ele quem dita as regras. Muitas vezes, da forma mais concreta, indicando até onde colar uma figura no papel, não deixando possibilidade da criança criar. Nesse tipo de sala de aula somente o professor tem voz, ele é o único que sabe. A exigência é somente que os alunos acompanhem, em silêncio, o conteúdo. Questionar não é permitido.

Acredito poder, com o caso que relatarei abaixo, exemplificar esta concepção. Uma aluna nova, no seu primeiro dia de aula, chorou muito na hora da entrada. Tentei acalmá-la de varias maneiras. Com o passar do tempo ela começou a se sentir mais segura, conseguindo se colocar do meu lado. Não percebi nela, neste primeiro momento, a vontade de se aproximar de outras crianças. Saiu do meu lado somente para pegar uma boneca no cesto, a qual segurou por algum tempo até que a outra educadora viu e falou para que guardasse, pois na sala tinha hora de brincar (nesse momento as outras crianças estavam tirando a roupa da mochila e ela não iria proceder na ação, pois seu horário de saída seria às nove horas). Achei que atitude da educadora, naquele momento, foi bastante autoritária, como se dissesse: aqui sou eu quem manda e você só obedece. Isso porque hoje o aluno “queridinho” dela fez uma grande birra, não querendo ficar na creche. Ele estava aparentemente cansado e queria ir para casa dormir. Então ele gritava. Eu falei para ele se acalmar que logo iríamos tomar café; ela chegou, conversou com ele e o retirou da minha frente e da sala para ir tomar o tal café. Eu argumentei com ela sobre a atitude dele e ela desconsiderou a minha fala. A partir deste acontecimento, percebi que o meu grupo de crianças não tem uma unidade.

No dia seguinte, esse aluno fez nova birra e falou que não queria ficar comigo, e somente com a outra educadora. Chamei a professora da sala ao lado e pedi a ela que tentasse conversar com ele, pois ele estava com bala e não queria guardar. Houve nova birra, mas ele cedeu. Na hora que a outra educadora chegou, conversei com ela sobre o ocorrido e ela, então afirmou que, na tarde anterior, ele tinha feito mais uma vez aquela mesma birra com ela. Falei que era preciso parar de fazer as vontades dele, pois já começava a ficar fora de controle. Há situações que podem causar certos incômodos deixando dúvidas de como agir.

Os limites na Educação Infantil devem acontecer através da conversa, do se fazer entender perante a criança no diálogo, apontando o que é certo ou errado, trazendo as crianças para uma interação cotidiana. Essa constância de ações a levará a democracia. As situações diversas podem causar certos incômodos deixando duvidas de como agir.

O que me desperta interesse na concepção democrática não é somente a possibilidade de troca com as crianças, entendendo que elas têm conteúdo para dividir; mas compreender que cada aluno tem a sua história e, portanto, uma necessidade distinta.

O que me motiva a esse projeto é perceber que nem sempre há escuta do que a criança diz nos momentos de argumentação. É preciso compreender a necessidade de cada uma. Quando falamos enquanto elas falam, pedimos que escutem, mas muitas vezes, exatamente neste momento, chega alguém e conversa conosco, cortando a concentração. Sendo assim, o que fica gravado não é o limite e o respeito ao outro no momento de fala e da escuta. O pedido para que fale baixo passa totalmente despercebido, pois a presença de outros que não o cumprem é

2.2 Concepção Espontaneísta

Aonde eu trabalho vejo algumas pessoas que trabalham de forma espontânea. Por mais que tenham um planejamento de aula, a maneira de agir é um tanto quanto liberal. O saber cuidar é importante, mas fica claro que a falta de conhecimento sobre quem é a criança deixa a desejar na ação de lidar com as mesmas. Fica faltando uma disciplina, porque a liberdade é demais, sem limite algum e sabemos que a disciplina leva a saberes sobre a boa convivência.

Tudo na creche, à primeira vista, é novo. Apenas quando se sente segura, a criança consegue assimilar que ali tem alguém e que não ficará sozinha. Por isso, precisamos dar-lhes um tempo.

Para Piaget, a inteligência não é um “dom”: é uma construção: “ao agir sobre os objetos e situações, ao interagir com os adultos significativos e outras crianças, a criança vai reconstruindo o mundo, ao mesmo tempo em que constrói sua inteligência.” Para Piaget, portanto, a inteligência é uma ação interiorizada. (referenciar)

No momento em que você se põe igual à criança poderá correr o risco de não obter resultados que seriam importantes para sua construção. Algumas atitudes podem nos colocar sem voz perante a criança e aí ter que ceder em algum momento em que seja necessário ter o comando.

A ética não nos permite ser como seres da caverna e sim agir com respeito aos outros e com isso venho falar da falta de educação perante nossos alunos, porque, se queremos formar cidadãos com educação, é preciso refletir em cima de nossos fracassos, reconhecer que se transformarmos nossas ações, estas serão refletidas e de alguma forma e alguém irá aproveitar o nosso pensamento.

2.3 Concepção Democrática

Faz-se necessário assumir que o professor é uma autoridade sim, mas que não pode esquecer do objetivo de renovar-se a cada dia.

Há os que morrem que deram sua alma à instituição, e transformaram-se em bons funcionários. Deixaram-se dominar pelo dominador. Perderam seu próprio nome, sua identidade. (Freire, M. 2008, p.?)

As regras não devem ser impostas e sim construídas com os alunos, pois o sujeito se constrói para o mundo e a valorização das regras colabora para o desenvolvimento de cada um.

Há fases em que as crianças expressam seu saber da mesma forma que seu convívio favorece. Sabem o lhes é transferido. É muito importante, portanto, passar-lhes segurança, dar o direito à imaginação, pois elas aprenderão a viver, brincando. É preciso propor atividades, dar ferramentas para que possam resolver seus problemas. A busca de entendimento é sempre em cima daquilo que elas já tem.

A criança deve ser cuidada e tem direito a aprender. Acredito ser essencial a presença de um educador observador na sala de aula, pois ele capta a necessidade de cada um no grupo, acendendo em todos a vontade de se assumir com mais segurança perante aos medos.

Para que as mudanças aconteçam percebi que só a observação não é suficiente. É preciso escrever e refletir sobre aquilo que se vive para a construção de outros e de nós mesmos. A partir do momento em que registramos a nossa aula, podemos acompanhar a evolução de cada um dos nossos alunos. O planejar, o observar e o avaliar tem total importância para ajudarmos nessa tarefa de acompanhamento.

É preciso que pelo contrário, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferente entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar e ação pela qual um sujeito criador dá a forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem dissidência, as duas se implicam seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. (Freire, P.)

Paulo Freire explicita que estamos sempre prontos para receber e transferir conhecimentos, mas que também não somos donos da verdade por sermos professores. É autoritário pensarmos isto: eu sei e o aluno nada sabe. O aluno como um recipiente vazio e o professor como depositário dos conhecimentos. O processo de ensinar fica mais verdadeiro se o educando aprende a questionar, criticar e a se posicionar. E esta é uma tarefa que cabe ao educador democrático: transferir os conhecimentos de maneira a possibilitar que seus alunos façam relações com a sua prática. Não devemos ser professores que não percebem os seus alunos como pessoas que já possuem seus conhecimentos, suas vivências e suas experiências. Devemos sim ser inovadores do ensino retirando a mecanicidade e acrescentando o saber construído na sala de aula.

Conseguimos ser inovadores quando debruçamos em cada aluno e no grupo. Quando estudamos o desenvolvimento infantil, vemos a importância do registro, o quanto ele colabora em nossa prática, pois “formaliza, dá forma, comunica o que pensa, para assim refletir, rever, revisar, aprofundar, construir o que ainda não conhece.” (Freire, M. [referenciar](#))

A reflexão é uma das ferramentas que possibilita esta mudança de comportamento e compreensão da construção do ser humano. No mundo de hoje, já percebemos as crianças de forma diferente: elas não são mais consideradas um robô, como antes. Lembro-me quando pequena, as crianças nasciam com os olhos fechados e só podiam sair do quarto após sete dias. Só podiam sair de casa para a escola depois de três anos. Na escola, suas atividades eram somente focadas no desenvolvimento motor e o lúdico tratado como passatempo. Não havia uma reflexão sobre a criança e o seu processo de aprendizagem.

2.4 Pesquisa de campo

Elaborei algumas perguntas para entrevistar educadoras da creche onde trabalho. Através das perguntas a seguir tive um dialogo com três profissionais:

1-Você se coloca como autoridade democrática ou autoritária? Em que momentos fez contrário daquilo que pensa?

2-Você se considera modelo para outro. Em que situações?

3-Em qual dessas você acredita e por quê?

4- Qual é a importância do papel da autoridade para a criança?

Ao analisar as respostas dadas por Jaqueline, percebi que ela se colocou como uma autoridade democrática. No entanto, ela, ao refletir sobre sua prática, revela que, na verdade, transita pelas duas concepções. Os momentos em que se vê fazendo o contrário daquilo que pensa são os momentos em que está estressada; quando a sala de aula está lotada de crianças, etc. Essa pressão é que torna o trabalho inacessível. Não se sente modelo, quando se deixa levar pelas emoções, não deixa a democracia entrar na sala de aula, quando não respeita as diferenças, quando escolhe alguém para dar afeto, quando tem que falar mais alto.

Jaqueline acredita na democracia, pois, por meio dela, o respeito ao ser humano se realiza e ela consegue ensinar a criança a ser um adulto melhor. A autoridade é importante, pois impõem limites, respeito e disciplina, isso implica saber ouvir e respeitar a vez do outro, tornando-o um adulto questionador. Ela se sente modelo para o outro, quando o que faz é digno de ser copiado, democraticamente, respeitando o direito de cada criança.

Entrevista com Juliana:

Ela não se acha autoridade, porque, para ela cada, um tem valor diferente. Disse que as crianças não há vêm assim, parece que é igual a eles que veio também para estudar. Ela se acha um pouco dos dois modelos: se vê como autoridade (democrática e autoritária). Põe-se como autoridade democrática, quando deixa as crianças livres nas

atividades que, mesmo com objetivo já formado, somente direciona-as em alguns pontos. Para ela o papel do professor é passar o conhecimento, visando a necessidade do grupo. E se vê como autoritária, quando as crianças estão agitadas, precisando de um controle. Para ela, todas nós somos modelo em todas as situações e ações (falas irmãs, momentos de falar ao celular) as crianças percebem e levam nosso comportamento para suas vidas. Acredita nos dois modelos e cita exemplos: com os pais em uma reunião quando abre com perguntas, diz está sendo democrática, e quando os pais fogem às regras da instituição é obrigada a ser autoritária. Nas atividades, procura ser democrática, mas com alunos que fogem às regras precisa ser autoritária, colocar limites.

A importância da autoridade é que vivemos em grupo, em uma sociedade, a criança vem de um grupo que é sua família, chega à escola e convive com outras pessoas, tendo sempre alguém com o papel de autoridade, mostrando a ela que tudo tem um limite.

Educando imita o educador, porque se identifica com este. Educador se empresta como modelo, porque se identifica com educando que um dia ele também foi, e com as hipóteses que este formula. ”_ **Madalena Freire-REFERENCIAR**

Entrevista com Elenice:

Ela se diz democrática ao ouvir os dois lados para então chegar a uma conclusão, porém, quando sabe do que aconteceu se impõe a favor de quem está com a razão. Ela diz que ninguém é modelo, que modelo deve ser seguido de maneira perfeita. Diz que pode ser referência em algumas atitudes. Fala que as crianças tentam copiá-la e que em sua ausência sentem sua falta.

Pensa que autoridade autoritária é a que acontece, mas diz ser democrática a partir do momento em que ouve as crianças, não deixando prevalecer apenas sua

opinião. Para ela, o adulto é a referência que a criança tem que seguir, independente de certo ou errado.

Fiz também perguntas a uma professora que trabalhou anos na área de educação infantil. Sempre a vi como uma professora acolhedora, pois já a conheço há mais ou menos oito anos e tive o prazer de tê-la como professora de meu filho, no ano de 2009, por seis meses.

Seu nome é Márcia Couto. É professora há trinta anos e trabalha acreditando em princípios tais como liberdade e respeito. Sempre procurou conversar e escutar as crianças que, dessa forma, aprenderam a fazer o uso responsável da palavra e através desse diálogo construíram um ambiente de disciplina e respeito. As atividades desenvolvidas propiciaram experiências que estimularam as decisões e a responsabilidade. Muitas vezes assistiu as crianças colocando em prática junto aos colegas o que construía em sala de aula. As regras de convivência são um exemplo. É um trabalho difícil onde o professor muitas vezes se vê diante de problemas que parecem insolúveis. Dizer “não” as crianças, na hora certa, é necessário; é preparar para a realidade da vida.

Vemos por sua segurança e pela prática que pude acompanhar que um professor que faz uso da autoridade democrática não é um professor permissivo, é um professor que constrói junto aos alunos um ambiente onde os valores como respeito, responsabilidade e disciplina são valorizados.

“a autoridade democrática se preocupa com a construção de um clima de disciplina e respeito. Procura levar as crianças a construírem, por meio de sua liberdade e fundado na responsabilidade, a autonomia.” _Paulo Freire.

REFERENCIAR

CONCLUSÃO

Aqui pude ver o quanto é difícil se transformar e o quanto é necessário falar de uma metodologia que constrói a sociedade, pois às vezes parece ser fácil, mas, na realidade, para que haja uma transformação há dor e como Madalena diz “aprender dói”. Sei que essa dor ainda está no começo, como educadora tenho que ter a base para fazer a diferença. Devo abrir mão de meu egocentrismo para olhar o outro.

Fica aqui registrado, no entanto, o quanto é difícil aceitar o novo, mesmo consciente de que é o certo e o necessário. Não sei porquê, só vi a real necessidade agora, sinto-me a cada dia diferente de como agia ontem; me coloco no paredão todas as vezes que sou autoritária. Se vejo alguém agindo de tal forma, isso me incomoda fazendo com que eu fale; mas vou tentando até conseguir um resultado. Apesar de tentar essa transformação desde quando cheguei aqui, me lembro dos meus registros de aula, em que escrevia sobre a importância de ter o controle e não me deixar levar pela velha maneira de ensinar (autoritarismo) e que cada momento é único e devemos explorar ao máximo a cada oportunidade, se nos organizarmos para isso.

Admiro muito as pessoas que respeitam o outro e por isso acredito na construção e na transformação. Vejo a total importância da democracia para um amanhã diferente, que some e abra as portas dessa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Pró-Saber